A irresponsabilidade moral

LUDMER, Paulo "A irresponsabilidade moral". Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 2017.

"lembrar é valorizar, esquecer é desprezar", Leandro Karnal

O Brasil registra forte crise de irresponsabilidade moral, segundo a Modernidade Líquida do recém falecido filósofo Zigmund Bauman. Desse quadro, o setor elétrico brasileiro não escapou.

O Brasil consigna um forte afastamento entre a ética e a economia, num momento em que as duas carecem de urgente aproximação, segundo o prêmio Nobel de Economia, Amartia Sen.

A judicialização das relações entre agentes da energia, entre agentes e governo, dentro do governo e assim por diante, traduz o horror da desumanização que só faz crescer e que aproxima de modo irreversível o real e o virtual.

Para os programas, signos e símbolos que se apossaram dos comandos do setor energético brasileiro, as pessoas nada são nas esferas de um Newave, um PLD ou um CMO.

Recursos humanos ou consumidores domiciliares constituem uma das figuras menos citadas (ou quase nunca citadas) no ENASE (Encontro Nacional dos Agentes do Setor Elétrico) há mais de uma década efetuado por este Portal Canal Energia. As diversas modelagens e os modernos conceitos nas relações da cadeia produtiva da energia excluem o indivíduo que simulam tutelar.

Pior: é um setor enganoso, que varre rotineiramente o seu lixo para debaixo do tapete alheio, quando seu próprio tapete não serve de aterro sanitário para as mazelas determinadas por exógenas forças majoritárias.

Poderíamos escrever tijolos de textos exemplificando tudo isso. Mas os leitores conhecem cada um os seus tijolos. O erro de nada esquecer é o divórcio, a perda dos amigos, a dor permanente, diz Leandro Karnal. O erro de nada lembrar é a amnésia, vestibulo de uma morte, adiciona Karnal.

Eis algumas lembranças esquecidas:

- No racionamento de energia elétrica de 1986/87, na região Nordeste do país, as empresas que conservavam energia não tinham o que cortar. Deceparam o toco dos tocos de seus braços. As demais gordurosas se adaptaram sorradeiras;
- No mesmo racionamento, abrandaram-se os cortes aplicados aos consumidores em baixa tensão, privilegiando sua assistência aos programas de TV em detrimento de fábricas que cortaram empregos;
- Elevaram-se substancialmente os fatores de potência exigidos dos consumidores em alta tensão, mas não o fizeram nas redes de subtransmissão e distribuição;

- Puniram-se arduamente os consumidores em alta tensão, com aplicação de sobre tarifas compensatórias pelos subsídios cruzados que as teriam beneficiados, até que anos depois -- entendeu o Poder Concedente -- os subsídios cruzados se inverteram de mão;
- Impediu-se que grandes consumidores acessassem as linhas de alta tensão, barateando seus custos, até que muitos simplesmente deixaram o país. E hoje importamos seus produtos;
- Derreteram a possibilidade de criação de mercado secundário de gás até que as grandes indústrias químicas mudaram-se para onde encontraram o gás de xisto mais de 50% mais barato;
- Praticaram um preço artificial para o óleo combustível, tornando-o décadas no Brasil mais caro do que o preço internacional do petróleo, e nunca autorizaram a sua importação num sistema de draw back que daria enorme empuxo às fábricas brasileiras;
- Etc. etc.etc.

O discurso falacioso foi sempre proteger o consumidor (que agora assiste TV mas não tem emprego). Igualzinho ao tempo do racionamento do Nordeste de 1987. O grande consumidor industrial era o “tubarão”, que foi comer peixe noutros mares, por que aqui havia cestas básicas, créditos consignados e luz para todos. Vide que a direção da Federação das Indústrias da Bahia chamava, na época, pela imprensa ou onde fosse, as indústrias de Aratu e do Maranhão de “alienígenas”.

Agora, o mundo não retrocede. Centenas de profissões como hoje a conhecemos desaparecerão em menos de dez anos. A felicidade está no binômio lembrar/esquecer, como conclui Karnal. Um bom marceneiro que não sabe preencher uma ficha de seguro desemprego (ver o filme Daniel Blake, em cartaz), nem isso consegue. Põe uma casa de pé, mas não sabe sequer aguentar quarenta minutos de musiquinha de espera num 0800.

A integração telecomunicações com distribuição de energia elétrica (num universo smart grid e geração distribuída) promoverá o aprofundamento da irresponsabilidade moral e da ética? O desmoronamento da mobilidade urbana como a conhecemos e o estreitamento dos contatos presenciais entre as pessoas porá no lixo a memória e a historicidade?

Inexorável é o aumento do consumo da energia: por habitante por ano; por conteúdo específico por produto; pela novidade da estocagem em baterias; pelos veículos elétricos; pelo mundo digital à frente das incertezas, imprevisibilidades e descontroles. O ser humano já é outro. Nossas crianças substituíram o banco imobiliário e o detetive pelo IPAD e pelas play station, lugares onde interagem, sem distinguir o real do virtual.

Paulo Ludmer é jornalista, engenheiro, escritor. Autor de Hemorragias Elétricas (ArtLiber) e Sertão Elétrico (ArtLiber)